

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 18 de Junho de 2014**

Texto de referência: J. Carrón, O essencial para viver, em «CORRENDO PARA O ALCANÇAR», (texto dos Exercícios da Fraternidade de 2014), (pp. 15-44 da versão italiana, NDT).

- *Romaria*
- *Non nobis*

Glória

Começamos continuando o trabalho sobre a primeira lição dos Exercícios da Fraternidade. Leio um email que recebi: «O pedido que se torna mais urgente é de voltar a ver Cristo na minha vida, ou melhor, de decidir revê-Lo. Encontrei o movimento há cerca de dez anos e sei o que significa ter alguém que me acompanha, que me guia, me sustenta; mas ultimamente não consigo entregar-me a Ele. Aquilo que te estou a dizer faz-me tão mal e ter tanto medo o que te estou a dizer, não tanto por um facto moralista mas porque vejo na minha experiência que alguma coisa mudou. De uma pessoa radiosa que era, passei a ser constantemente melancólica, de alguém que olhava para tudo de um modo diferente e com gratidão transformei-me em alguém que agora experimenta apenas rancor e raiva por aquilo que lhe acontece à sua volta, de uma pessoa que estava sempre aberta a ouvir os outros e a falar de si a uma pessoa fechada, melindrosa e excessivamente orgulhosa. Como diz a citação de Giussani nos Exercícios da Fraternidade no ponto 3 de sábado de manhã: «”Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? [...] é preciso que venha alguém de fora – tem de vir de fora – e que perante esta nossa casa derrubada refaça as paredes. [...] Aqui reside a maior dificuldade em relação [...] ao cristianismo autêntico: é através de outra coisa – que vem de fora – que o homem se torna ele próprio [...]. [Mas isto] “não agrada”, porque faz entrar, dá guarida a algo que não corresponde à nossa imaginação e a uma nossa imagem da experiência, que parece abstracta na sua pretensão». Esta "outra coisa" - Cristo - parece-nos abstracta. E porque nos parece abstracta, para responder à urgência de mudar, de construir, «ficamos presos [...] numa impotente aspiração a remediar ou numa pretensão fraudulenta, mentirosa, quer dizer: identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar». E é isto que está a acontecer. Mas a coisa pior é que não me movo, não sou capaz de dar um passo em frente para remediar uma vida que se está a tornar completamente vazia e que já não me deixa surpreender-me, alegrar-me, rir e orgulhar-me dela. Esta espécie de limbo está a afundar-me tanto que me sinto prisioneira de mim mesma. Pergunto-te: porque é que em vez de seguir o meu verdadeiro bem eu vou por um caminho que me conduz apenas à inquietação? O que significa verdadeiramente quando *don* Giussani diz que tudo o que acontece Deus o permite para o amadurecimento daqueles que Ele escolheu? Obrigada por me fazeres despertar sempre o meu eu adormecido». Impressiona aquilo que esta pessoa diz porque mostra o que é essencial para viver; porque quando o essencial falta, prevalecem o mal e o medo, a pessoa radiosa torna-se melancólica, da gratidão passa-se à raiva e ao rancor, e uma pessoa aberta torna-se fechada. É de tal modo essencial que a vida muda de rosto. Não é essencial porque nós fazemos o discurso sobre o essencial: é essencial porque a muda de rosto. Cristo (ao contrário do que pensamos) é tão concreto e essencial que faz mudar o rosto da vida. E quando nós não estamos disponíveis para isso, o que é que acontece? Esta é a nossa

pobreza, no seu sentido mais autêntico do termo: «Se estamos assim vencidos, como faremos para vencer? [...] é preciso que venha alguém de fora». Mas muitas vezes não estamos disponíveis e então identificamos – diz *don Giussani* – a solução com uma imagem: «Identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar». No entanto é fácil: quando se reconhece Cristo não é preciso inventar nenhuma imagem, basta simplesmente seguir com simplicidade e então verifica-se aquilo que ela descreveu como positivo; e quando não acontece isto, tudo se torna negativo. É tão real, ainda que misteriosa, a presença de Cristo que quando não é reconhecida, «quando isto não acontece fico completamente vazia, incapaz de me surpreender, de me alegrar, e tudo se torna vazio, um limbo onde me afundo». Porque é que isto é para o nosso amadurecimento? Porque pode acontecer que uma pessoa se afaste mas naquele momento dá-se conta verdadeiramente da natureza da sua necessidade. E quando alguém se dá conta que não pode “descartar” a natureza da necessidade, que não pode resolver sozinho a sua necessidade apercebe-se muito melhor que o belo que acontece na vida é gerado pelo reconhecimento de Cristo; todos fizemos experiência disto, caso contrário nenhum de nós estaria aqui. E porque é que isto serve para o nosso amadurecimento? Serve porque ela agora sente a urgência de voltar a ver Cristo na vida, ou melhor, a «decidir revê-Lo», porque passa pela própria liberdade. Nós podemos prender-nos, agarrar-nos a uma imagem de como deve ser a vida e de como a vida se deve resolver e esta nossa imagem não ser capaz de nos mudar, porque é uma imaginação, é fumo, igual a nada, não tem nenhuma capacidade de mudança e de novidade. Bastaria simplesmente seguir o que acontece. Seguir a minha imaginação afunda-me; seguir o lugar onde isto me aconteceu e continua a acontecer gera-me (é de tal modo verdade que ela se sente despertada no seu «eu adormecido» por um certo lugar). Basta seguir e aceitar a modalidade – que não decido eu – através da qual o Mistério tem piedade do meu nada.

Eu fiquei muito impressionada com a última Escola de Comunidade, e procurarei dizer quais são as coisas que me impressionaram a última vez e que verifiquei neste mês.

Agradeço-te já por esta última frase: «as coisas que me impressionaram a última vez e que verifiquei neste mês». Se este não é o método da Escola de Comunidade, não esperem dela uma mudança. Impressionou-me, a semana passada, retomar o sexto capítulo de *Na Origem da Pretensão Cristã* onde *Giussani* diz: «Uma definição deve formular uma conquista já acontecida, caso contrário resultaria na imposição dum esquema» (p. 79). Aí está, a Escola de Comunidade são sugestões para conquistar na experiência aquilo que nos dizemos, senão andamos à base de definições; e as definições não mudam a vida. Por isso, se uma pessoa pensa que pode estar aqui só à espera da nova definição e da nova palavra de ordem para andar depois a dizer por aí, não tenha qualquer esperança que mude alguma coisa, porque o que muda a vida não é a repetição duma definição, mas uma conquista acontecida na experiência. Se falta esta conquista, nem sequer a participação na Escola de Comunidade nos pode mudar. Por isso agradeço-te início da tua intervenção, que nos repõe a todos diante deste facto. Lanço-vos então o desafio: para que serviu este ano a Escola de Comunidade? O que é que significou como caminho? Em que mudou o meu modo de a fazer? Para poder verificar se esperamos tudo de um milagre ou de um caminho. Adiante.

Dizia que da outra vez cheguei à Escola de Comunidade tendo tido à tarde um diálogo com uma pessoa, um celino de longa data como eu, que colocava objecções à tua condução do movimento: «o don Giussani jamais teria dito isto, jamais teria feito aquilo». Eu ao início defendi-te, depois a determinada altura disse-lhe: «Mas desculpa, tu que seguiste o don Giussani por tantos anos, alguma vez o viste dizer ou fazer uma coisa de que estivesses à

espera? E porventura não o teremos seguido – tu e eu – exactamente porque era sempre inimaginável? E porque é que agora deveria ser diferente? Porque quererias agora que aquilo que o movimento diz coincida com aquilo que imaginas tu? Não seria o fim? Porque pretendes que o Carrón diga aquilo que pensas, se a minha e a tua libertação é uma presença que nunca disse nem fez aquilo que nós pensamos?». Enquanto voltava para casa, e pensava no diálogo que tinha tido com esta pessoa, impressionou-me dar-me conta que o que corresponde ao coração não corresponde – nunca! – à imaginação. E esta é a primeira dificuldade que temos de ter em conta. Felizmente não corresponde à imaginação, porque seria o inferno! Foi com estes pensamentos que cheguei à Escola de Comunidade aquela noite. Eu, nesta altura do ano (come sempre em Junho) estou dominada pelo cansaço, e facilmente sinto a dificuldade, sinto a tristeza, sinto as irritações, sinto os ressentimentos, é como se tivesse todas as cordas esticadas. Durante a última Escola de Comunidade impressionou-me dar-me conta – não depois da irritação, não depois da tristeza, não depois do cansaço, mas dentro – que Cristo é na minha vida uma imponência incomparável aos meus erros. De tal modo que neste mês a frase que mais dei por mim a repetir é: «Senhor, eu não sei como é, sei que Te amo». Porque sou muito mais definida – mas na experiência, não a priori – pelo facto d'Ele me ter tomado do que por todas as minhas rebeldias, porque o fundo de todo o mal é uma saudade inextirpável de Alguém que conheço. E apercebo-me que isto pode talvez não mudar imediatamente o estado de ânimo; mas aperceber-me disto é verdadeiramente sempre uma libertação. Por isso estremei quando tu, na Escola de Comunidade da outra vez, dizias: «Cada embate da realidade, cada situação, cada solidão, cada desgraça, cada coisa, é como deitar gasolina no fogo, acende a saudade. [...] É verdadeiramente uma outra coisa, o cristianismo é uma outra coisa!» (p. 4). E depois a carta, que me fulminou, daquela rapariga que falava duma vida como a que estava a levar naqueles dias (e como a que eu levei depois também este mês)! Eu senti-me transportada para dentro da frase que ela dizia: «E neste remoinho, quase me esqueço de Jesus». Mas tu, entre parêntesis – e eu deste parêntesis estou-te grata, porque estes parêntesis são a experiência da libertação –, comentavas: «"Quase": tudo está neste "quase"», porque é verdade, é imponente, não o posso esquecer. A outra coisa que me impressionou muito da última Escola de Comunidade é a passagem, que naquela altura houve, de Maria Madalena e Zaqueu ao voto para as eleições europeias. E isto a mim verdadeiramente sensibilizou-me muito, porque me dei conta da diferença, também cultural e política, que há entre aplicar um discurso e viver estas ocasiões tendo lá dentro o véu daquele rosto. São dois mundos; e eu encontrei o segundo, não o primeiro. A última coisa que me impressionou muitíssimo é que, retomando a primeira lição dos Exercícios (da Fraternidade – NDT), fiquei com os olhos muito presos pela frase com que tu abres, comentando Ojos de Cielo: «Para poder compreender esta frase é preciso ter visto vibrar nos olhos duma pessoa o Ser que a faz existir agora. Para que o inferno não se apague só sentimentalmente é preciso que os olhos vibrem duma maneira tal que não me deixem ficar na aparência da vibração, mas que eu seja movido a ver naquela vibração dos olhos o Ser que os faz, que os faz vibrar assim». Pois bem, eu estou-te grata porque há uma coisa que o don Gius repetiu tantas vezes e que me voltou à mente relendo esta frase: «Mistério e sinal coincidem». Há um modo de entender esta frase que é retirar a Cristo o mistério para não o sentir; e há um modo de sentir, viver esta frase que, longe de retirar a Cristo o mistério, enche cada coisa e cada pessoa de Mistério, enche a realidade e a nossa companhia identificando-a com o aspecto mais agudo da realidade de Mistério. Nunca foi tão misteriosa para mim também a nossa companhia, e por isso torna-se tão cara

exactamente porque tão misteriosa, porque só o Mistério é a minha salvação, enquanto me parece que o inferno é permanecer na aparência.

Obrigado, porque só se estamos disponíveis para seguir o lugar onde isso acontece, onde essa coincidência entre Mistério e sinal acontece, é possível que a vida mude de rosto; mas, mais uma vez, é preciso que isto não se reduza a uma frase, mas seja uma experiência. Ela conta de como se pode reduzir a frase «Mistério e sinal coincidem»: retira-se o Mistério expurgando-o da realidade em cada coisa. Pelo contrário a nossa companhia é de tal modo real e misteriosa precisamente porque oferece a cada um de nós aquilo que dizia a nossa amiga antes. De que é que temos necessidade? De olhar o lugar da nossa companhia assim, de decidir revê-Lo, de decidir reconhecê-Lo, porque tantas vezes a questão não é que não esteja, é que nós já decidimos que não está, e por isso não nos muda. E este será o drama enquanto existir o mundo, porque diante do convite de Jesus a Zaqueu: «Desce, Eu vou a tua casa!», haverá sempre quem se comove, e outros que ficam ali a criticar porque vai a casa dum pecador; o primeiro participa da novidade que Ele introduz na história, os outros permanecem no nada. Por isso Cristo não pré-decide o drama, mas agudiza-o, é como gasolina no fogo que o ateia constantemente. Então a questão fundamental é não reduzir o drama ao sentimento que pode prevalecer em nós.

Eu, que na minha vida vi tantas coisas bonitas, agora sinto-me perdida. Olho só para mim como medida, comparo-me com todos, odeio tudo o que não me corre bem, obrigo-me a fazer coisas que não têm sentido. O que quer dizer sermos amados tal e qual como somos? Como é possível que haja um amor que me ama assim como sou, ainda que eu não faça as coisas bem? E por fim, porque é que eu devo fazer tudo o que faço se afinal de contas, em teoria, não sou julgada por isso? É como se continuasse a empurrar para debaixo de água uma bola que continua sempre a vir à superfície, é como se estivesse sempre à beira de um precipício. O que quer dizer que o essencial é Jesus? Para mim, o essencial é o reconhecimento negativo de mim, das minhas capacidades, dos meus resultados, e penso: talvez, quando eu me exceder nesta coisa, os outros gostem mais de mim. Tu não fazes ideia da força que é preciso ter para estar todo o dia a reparar nos nossos próprios defeitos, é a coisa mais cansativa que existe. Viver as coisas assim faz-me perder tudo o que existe de bonito. A relação com o meu namorado é uma das coisas mais bonitas que existe, mas estou enxotando até isso. Tudo perde o gosto, porque é esmagado pelas minhas expectativas. Só queria viver com simplicidade, olhar para as coisas como são, e ser finalmente eu mesma. Falta-me o ar, e já nem sequer me lembro do que é a verdadeira paz. Como é que se faz para viver a tristeza como início, como indicação, e não como um beco vazio?

Mas tu, algumas vezes na vida, viste alguma coisa diferente do mero reconhecimento negativo de ti?

Sim. Vi mais coisas.

Viste mais coisas. Então por que te irritas decidindo olhar apenas para o teu limite? Estás a lutar contra moinhos de vento, porque o problema é que na realidade, como viste nalguns momentos com uma clareza luminosa, há qualquer coisa que não se reduz aos teus limites. O erro mais clamoroso não é ter limites – isso temos todos –, mas a um certo ponto, não ver mais nada senão esses limites. Porquê? Por causa daquilo que dizíamos com o exemplo do Luna Park: a certo ponto, é como se a presença desaparecesse e aquilo que antes tu vias como algo de atraente – imaginas uma criança no Luna Park, com todas as atrações, todo excitado pela curiosidade? – diminuísse. A realidade muda de rosto, e já não vemos mais nada. Mas à criança, basta recuperar a ligação com os seus pais para recomeçar a ver o que existe. Então, o

essencial não é o reconhecimento negativo de ti, porque não te faz seres tu mesma; o essencial é estar num sítio onde, apesar de todos os nossos erros, continuam a desafiar-nos sobre isto. Por que é que vieste aqui? Vieste porque aceitaste o desafio desta lição, porque logo na Introdução dissemos, citando o profeta Isaías (49, 15): «Sião dizia: “O Senhor abandonou-me” [...] e Ele aproveita a ocasião para mostrar mais uma vez a Sua diversidade, desafiando a nossa razão numa forma perturbadora: “Acaso pode uma mulher esquecer-se do menino que amamenta, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria”». A questão é se tu estás disponível para reconhecer isto, que é o que tu queres: é possível que exista um amor que me ama assim? Sim, existe! Temos constantemente o testemunho de pessoas que, mesmo tendo todos os limites (o cansaço, a tristeza, o ressentimento), não depois deles, mas neles, surpreendem Cristo como uma presença incomparável aos seus erros. Desde que Cristo entrou na história e introduziu esta Sua presença... Zaqueu estava cheio de erros como tu, mas prevaleceu uma Presença diferente. É esta a novidade cristã. O que quer dizer? Que agora tu só desejas viver «com simplicidade» diante de uma coisa assim. Deixa prevalecer esta simplicidade: «Olhar para tudo como é, e ser finalmente eu mesma». Como é que se consegue fazer isto? Só aceitando esta Presença. A partir desse momento, podes começar a viver a tristeza como início.

Mas como é que se faz para aceitá-la? Porque me parece que eu não olho para os outros assim, olho-os como se não valessem pelos próprios erros, de facto para mim não valem por isso.

Então?

Mas não consigo olhar assim para mim.

Tu não podes dizer que não consegues; tu “decides” olhar-te assim.

Mas é mais forte a decisão de olhar-me da outra maneira.

Não! Esta é a questão: tu não és o resultado dos teus factores precedentes. Tu tens a razão e a liberdade e podes usá-las de uma maneira ou de outra, porque o bloqueio é pensar que tu és determinada pelo *pimpampum* das circunstâncias. «Não consigo»: não! Tu decides olhar só para uma coisa; de tudo aquilo que existe – de tudo aquilo que existe! – tu decides olhar só para isto. Esta é uma decisão tua.

Mas que sentido tem, então, eu fazer bem as coisas quando, mesmo se eu me enganar...

Esquece agora as coisas que fazes bem! A realidade é mais do que aquilo que tu fazes. Quando vires este “mais”, então poderás olhar também para as coisas que fazes bem numa forma diferente, porque não dependerás disso. Gosto muito da imagem dos profetas, uma imagem muito bonita, muito poderosa do ponto de vista evocativo. Tu vês um tronco seco, um enorme tronco seco, e no tronco seco vês um rebento; podes dizer: «Está todo seco, quase». No “quase” encontra-se tudo: porque o rebento está lá. O tronco todo seco, que é incomparavelmente maior do que o rebento, elimina o rebento? Não. Então, podes decidir continuar a dizer-me: «Está todo seco», mas não podes eliminar o rebento dizendo que está todo seco. E onde está a esperança daquele tronco? No todo seco ou no rebento?

No rebento.

Jesus introduziu aquele rebento na história: enquanto todos se avaliavam por aquilo que faziam, num contexto em que os fariseus diziam que a vida valia, como tu dizes, só por aquilo que se consegue fazer, surgiu um rebento, um Homem que no meio de tudo o resto, olhava numa forma diferente. Ser cristão é dar crédito a isto. Tenta dar crédito a isto, tenta! Porque não é uma explicação que te irá convencer. Se tu tentares albergar esta Presença, começarás a ver, porque se Zaqueu tivesse feito como tu... «Desce que eu vou a tua casa», «Não, não é possível, não é possível! Diante do rol dos limites, dos defeitos, dos pecados, não é possível

que Tu me ames assim, não é possível que exista um amor que me ama assim. Não é possível». É possível!!! Há Alguém que to está a dizer. Estou disposto a decidir dar crédito a isto uma vez na vida e ver o que acontece? Esta é a tua oportunidade: decide! Porque esta é a tua grandeza como pessoa, amiga. Nem mesmo Jesus te pode obrigar a aceitá-Lo, ninguém te pode obrigar a aceitá-Lo. Mas Ele continua a dizer-te: «Ainda que o teu pai e a tua mãe te abandonassem, Eu nunca te abandonaria, nunca!».

E como é que se faz para fixar o rebento?

É possível porque tu és mais – mais, és razão e liberdade e afeição, não és um pedaço do mecanismo que te bloqueia, não, tu és mais. Esta é a modalidade com que o Mistério te torna tu própria. O que desejas - «finalmente seres tu mesma» - só acontece se há alguém que te diz: «Deixa isso, tu não és só isto, podes sair deste bloqueio». Tu, depois, podes decidir não sair, mas garanto-te que no dia em que te cansares de não sair reconhecerás que é possível. Basta, como dizes, ser simples (que é o que desejas mais). Pelo menos, pede-o. Porque o desafio também é evidente no que respeita a outro ponto, como escreve uma de vocês. «Estive na ligação da quarta-feira passada. Ah, não! Está tudo certo, mas aquela história da saudade, não! Porque para mim não é assim. Não é tão positiva como dizes. Tens de me explicar bem esta coisa, porque eu apercebo-me de que se não vejo o meu amigo dois dias seguidos, se não o ouço, se não lhe conto o que me acontece, se não lhe digo como vai a minha vida, fico mal e faz-me imensa falta. Como se faz? Como pode ser positiva esta saudade? Odeio-a. Aperta-me. Podes explicar um pouco melhor? Mas apercebo-me de ter saudades do que acontece com ele, de como nos tratamos: como homens. Se puderes responde-me, não me deixes em suspenso». Isto espanta-me, porque frequentemente me encontrei diante desta objecção. Uma outra amiga falava-me recentemente desta saudade: «Escandalizei-me de ter sentido esta saudade, depois de ter encontrado Cristo». Ei digo que a primeira questão que devemos perceber é que é inútil que façamos a Escola de Comunidade, se depois nos esquecemos que durante três meses, no capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*, estudámos que a resposta à pergunta: «Quem é Jesus?», está – como diz Giussani – num olhar revelador do humano. Em que é que se vê quem é Jesus? Que deus salva todos os factores do humano. Este é o sinal da presença do divino naquele homem, Jesus. Mas para nós que Cristo desperte o humano, desperte a saudade Dele, é o sinal não da salvação, não do facto de que Cristo é Deus, mas da condenação. Dão-se conta que juízo nos damos do que é a saudade? Jesus, que veio para despertar o humano, percebêmo-lo como o contrário do que é, ou seja, como algo que nos escandaliza e que odiamos. Porque é que isto sucede? Porque partimos duma imagem e não da experiência. De facto, quando na carta ela fala da experiência, descreve mesmo isto: que não pode deixar de sentir saudades da experiência que vive com aquele amigo. Esta é a experiência, não pode deixar de sentir saudades dele. Mas em nós, na nossa imaginação colectiva, instalou-se a ideia de que a modalidade da resposta de Cristo deve coincidir com o apagar do drama humano. Digo-o com uma piada: é como se o casamento fosse o túmulo do amor e o cristianismo o túmulo do desejo. «Se Cristo veio revolver o drama do viver, então para vos responder deve apagá-lo»: esta é a nossa imagem de salvação. Deixar de ter saudade, deixar de ter desejo, deixar de ter a pergunta. Neste caso Cristo é afirmado dum modo que apaga a pergunta, que apaga a saudade, que apaga o desejo. Mas não percebem que é exactamente por isto que tantas pessoas abandonam o cristianismo?

Se Cristo não salva o humano, mas o aplanar que sentido teria segui-Lo? Esta é a lógica do nosso modo de pensar, o ponto alto! «Já não tenho a saudade, o desejo, a pergunta»: e isto dizemo-lo como a maior expressão do “nosso cristianismo”! Eu não tenho nada a ver com o “vosso” cristianismo! Porque se Cristo não veio para despertar o homem, nós atribuímos-Lhe

o que Giussani atribui ao poder: reduzir, aplanar, apagar o desejo. Que interesse teria sermos cristãos? Mas dizemos isto tranquilamente, aliás, parece um escândalo o contrário: «Odeio (esta saudade)». Em vez de despertar a pergunta, de despertar o desejo, de despertar todo o humano que há em nós, Cristo teria vindo para aplanar tudo. Mas que salvação seria? Percebem que as pessoas que tenham vontade de viver fugiriam duma proposta semelhante, precisamente para evitar terminar assim? E isto dizemo-lo nós, pertencentes a um carisma, a um movimento em que vimos Giussani gritar precisamente o contrário! Quando digo que perdemos o carisma pelo caminho estou a dizer isto, que passa uma imagem do cristianismo que não tem nada a ver com *don* Giussani. E porque acontece isto? Porque nós, em vez de estarmos na experiência, identificamos a realidade com a nossa imaginação. Mas a vida é verdadeiramente interessante: quando alguém se apaixona (para dar o exemplo mais evidente), desperta todo o desejo! Ao contrário do ideal do encefalograma plano! Por isso só se alguém pertence a um lugar que constantemente desperta o humano, poderá estar interessado no cristianismo. Porque no fundo o que cada um deseja é poder levantar-se todas as manhãs com o desejo de O rever, de O reencontrar. Por isso, se não fazemos uma reflexão sobre a experiência que vivemos, corremos o risco de dizer coisas que em vez de nos abrir o caminho o fecha (mesmo se pensamos estar a dizer uma coisa maravilhosa). Precisamente porque Cristo está presente e desperta a pergunta, abraça-a; abraça-a, não a deixa como antes, mas não a aplanar, para que Ele possa constantemente interessar-nos mais.

Eu gostava de contar o que se tem vindo a passar com um colega meu e, através dele, comigo também. Na Introdução dos Exercícios disseste-nos que a questão fundamental é o que é para nós o essencial, e o essencial é aquilo que responde à pergunta sobre como viver: «Como podemos surpreender, sem enganos, o que é para nós o essencial? O método foi sempre don Giussani que nos ensinou: surpreendendo-nos em acção, na experiência. [...] Então, o que é que sucede quando a pessoa se empenha com todos os factores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais se vive, mais se manifesta aos seus olhos qual é a natureza da sua necessidade» (p. 7). A mim impressionou-me muito esta dinâmica que descreveste, porque é mesmo vendo-nos em acção que descobrimos o que é para nós o essencial, e às vezes acontece que, quando se vê acontecer noutra, a pessoa é despertada. Porque vendo-O em acção noutra pessoa, não pode deixar de dizer: «É Ele». Na escola onde trabalho há uma data de professores do movimento e a seguir aos Exercícios nasceu um desejo de nos encontrarmos para retomar o trabalho sobre os Exercícios e para partilhar o que cada um vivia com os miúdos e com os colegas. Encontrámo-nos uma primeira vez ao almoço, na cantina da escola, e nessa ocasião veio também um colega que não é do movimento mas é nosso amigo. Eu fui sem grande vontade, sem qualquer intenção de fazer o grupo de CL na escola. Almoçámos e cada qual procurou dizer por que é que aquele momento podia ser interessante e a seguir retomámos propriamente a Introdução dos Exercícios. Voltei para casa pouco convencida da utilidade desse momento. Passada uma semana voltámos a encontrar-nos e eu volto ainda com uma certa resistência. A certa altura, porém, toma a palavra este meu colega e começa a contar que durante o fim de semana tinha estado na escola para se encontrar com os responsáveis do nosso instituto, que é um instituto católico, e estando com eles sentiu-se entristecido e enervado porque aqueles de quem esperava o essencial estavam, em vez disso, preocupados unicamente com uma organização, quer dizer, com que tudo funcionasse bem. Mas o que o surpreendeu mais foi que, quanto mais estava com eles, mais saudades tinha do almoço connosco na semana anterior!

Percebem? Quanto mais estava com os outros, mais saudades tinha do almoço da semana antes.

Depois a discussão prosseguiu, mas a mim aquelas saudades não me saíam da cabeça. Então parei e perguntei-lhe: «Desculpa, saudades de quê? Do que é que sentes falta daquele almoço?» E ele disse: «Tenho notado que já não posso prescindir de determinadas relações e determinados juízos ou maneiras de enfrentar as situações que alguns de vocês têm», e que nele tem dado origem a uma forma nova e única de ver as coisas e uma nova letícia. Perante isto fiquei desfeita, e desfiz a minha resistência, e em mim acendeu-se uma afeição àquele lugar e a Quem pode suscitar essas saudades e gerar uma maneira nova e única de ver tudo e de dar letícia ao coração. Que beleza e que alento poder saborear as coisas assim! E obrigada porque, seguindo-te no caminho, estes momentos cada vez são mais.

Obrigado. Aquele colega é o último a chegar. Mas será possível que no último a chegar desperte, no encontro com Cristo, toda a saudade, e para nós, pelo contrário, o movimento seja o túmulo da saudade, tanto assim que a odiamos? O que nos diz o último a chegar do que é aquele lugar? Que a um dado momento – não sei o que se produz no nosso cérebro – acabamos por dizer o contrário daquilo que o último a chegar nos testemunha, como diz o don Gius: os últimos restituem-nos o que nós temos, mas do qual já perdemos consciência. Então ele não consegue prescindir de determinados juízos, de determinadas relações, da maneira de enfrentar determinadas situações, descobrindo uma forma nova e única de ver as coisas, que produz nele uma letícia. Isto é o que nos é dado pelo Mistério para responder à necessidade que temos, porque desfaz em ti a resistência e desperta a afeição ao lugar onde isto acontece.

Cheguei aos Exercícios com uma pergunta: porque é que estou aqui, porque é que vim ao mundo? A semana antes dos Exercícios, na verdade, de domingo a sexta-feira, foi tempestuoso na minha família e levou-me a perguntar se aquilo que faço pela minha família serve, porque me parecia não ser útil. Eu dou tudo à minha família, é a estrada que escolhi e a minha vocação, mas, como percebi durante os Exercícios porque don Giussani o descreve ao pormenor, na ansia de fazer, perdi a origem da minha vocação, ou seja, que há alguém que me chamou e me chama, que me deu e me dá também o meu marido e os meus filhos para que eu O possa conhecer. Isto, porém, se não o redescubro em cada gesto que faço, perco-o. Por isso cheguei aos exercícios com esta ferida aberta e com esta pergunta: porque é que estou no mundo? Há alguém que quer alguma coisa de mim? Esta pergunta, pela forma como decorreram os Exercícios e por algumas coisas que lá aconteceram, transformou-se numa pergunta diferente que tenho alguma dificuldade em expressar: o pedido para continuar a ouvir a Sua voz e para me aperceber a cada instante da Sua presença. É um pedido que me acompanha sempre, de tal forma que me dou conta que é a primeira companhia que o Senhor me faz, porque eu não sou capaz de pedir assim. Então, todas as manhãs peço que este pedido perdure em mim. Cada manhã tento ir à Missa, e isto é uma coisa que, de cada vez que penso, me faz sorrir, porque o Senhor está um bocado a gozar comigo; quando, em fevereiro, o arcebispo Scola, na Missa em memória de don Giussani, nos convidou a ir à Missa todos os dias, eu pensei que não era uma coisa para mim; e, pelo contrário, agora tenho necessidade de ir à Missa, porque é o lugar onde consigo fazer o meu pedido com toda a sua profundidade. Quando me levanto de manhã tudo me predispõe para que vá à Missa. Este pedido acompanha-me também nos pequenos desafios de todos os dias. Dou-me conta que, graças ao desejo de me fazer acompanhar por Jesus, estou mais paciente, pois com frequência resisto a fazer intervenções que tenham como objetivo clarificar o que há “a fazer”. Ou então, por vezes acontece-me escutar discursos sem pés nem cabeça; eu, no

passado, ficava sempre calada. Pelo contrário, agora, procuro intervir tentando dizer uma palavra mais verdadeira. Aconteceram também alguns desafios mais exigentes e conto um deles. Uma noite, o meu filho disse-me a mim e ao meu marido que queria fazer uma coisa que nos deixa muito preocupados. Há uns tempos eu ter-me-ia irritado e tê-lo-ia atacado com palavras; pelo contrário, fiquei calma e ouvi bem todas as suas razões e as suas explicações, como nunca fizera antes. Queria levar a sério o seu desejo, que é também o meu, porque também eu tenho desejos reduzidos e queria ir ao fundo para encontrar aquilo de que temos verdadeiramente necessidade. Então contei-lhe coisas sobre mim, dizendo-lhe coisas que nunca lhe tinha dito; e depois coloquei-lhe questões para que ambos pudéssemos perceber melhor o que estava por de trás daquele desejo que ele exprimia, de modo a procurar a sua verdadeira satisfação. Isto permitiu-me fazer aquilo que don Giussani sugere para enfrentar os problemas da vida: não aprofundar diretamente o problema, mas aprofundar a natureza do sujeito que os enfrenta. Enquanto falava com o meu filho não tinha em mente aquelas três linhas dos Exercícios, que já tinha lido tantas vezes, mas, quando posteriormente as reli percebi que me tinha acontecido isto. Em todo o caso, o meu filho ficou de tal forma tocado, que repensou. Depois de alguns dias quis voltar a falar e mudou totalmente a sua perspectiva, decidindo que queria experimentar fazer aquilo que eu e o seu pai lhe tínhamos proposto. Aquilo que me interessa deste facto não é tanto o resultado final, que até podia não ser este e que é fruto da sua relação com o Mistério, de diálogos que teve, de encontros que teve. Não é o resultado que mais me interessa, mas que a presença do Senhor é tão real ao ponto de suscitar em mim um pedido potente. E mais uma coisa: o que eu descobri é uma estrada, é um método.

Obrigado. Isto “é uma estrada, é um método”. Nós tantas vezes reduzimos tudo à ânsia do fazer, também na família, e isto leva a melhor até sobre o facto de termos sido chamados. E então uma pessoa vai aos Exercícios desejando continuar a ouvir a Sua voz, ouvir de novo o Seu chamamento, dar-se conta da Sua presença. E damos-nos conta que isto suscita em nós uma tal profundidade da nossa necessidade, da nossa natureza, que quando temos de enfrentar o problema de um filho somos capazes de falar de uma maneira diferente e diz uma coisa que me parece fundamental como método para trabalhar sobre os Exercícios, como para qualquer outra coisa: “Não é que enquanto falasse com o meu filho tivesse em mente aquelas linhas dos Exercícios”. Ou seja, não as trata como uma citação, tem-nas como experiência e por isso pode falar a partir deste seu eu suscitado pela presença de Cristo. Primeiro acontece uma conquista na experiência e só depois se percebe a definição, o alcance da definição. Então aquilo que me interessa é que a Sua presença seja tão real que seja capaz de suscitar em mim uma pergunta que me permite enfrentar tudo, até o problema dos filhos, com uma diversidade. O cristianismo é isto: uma presença que suscita uma pergunta. Quanto mais os discípulos andavam com Ele e O viam agir, tanto mais se perguntavam: “Mas quem é este?” (se, pelo contrário, o cristianismo fosse uma resposta que cancela a pergunta, que a anula, que interesse teria?). Só um método assim nos faz fazer uma estrada, a estrada que Jesus introduziu fazendo-se carne e tornando-se uma presença tão real que espanta todos re-despertando a pergunta, o desejo e a nostalgia. Assim percebe-se melhor a pergunta que uma outra pessoa pôs: «Como permanecer fixo no verdadeiro essencial? Porque eu acho que este meu vai e vem de “essenciais” está ligado a um pouco trabalho sobre mim, a um hábito pouco desenvolvido de ajuizar. O trabalho sobre a lição de sábado de manhã ajudou-me bastante porque me fez perguntar mais vezes durante o dia onde estão aqueles olhos que cancelam o inferno? O que é que me faz renascer quando estou em baixo? O que é que me aconteceu hoje que me tornou feliz? E porque é que me tornou feliz? Mas no fundo, eu de que é que tenho verdadeiramente

necessidade? Este trabalho, este contínuo olhar-me fazendo-me perguntas deste tipo e fazendo-as também aos meus amigos, está a fazer agarrar-me mais ao verdadeiro essencial. Por isso parece-me fundamental dar tempo a este trabalho sobre si, mas queria saber o que é que tu dizes disso?» Como permanecer fixo no essencial? Participando de um lugar onde reacontece constantemente esta solicitação a comparar, a um trabalho sobre si que é o que redesperta constantemente a consciência do essencial. E nisto são decisivos os gestos, porque a nossa companhia, o lugar geométrico – como o descreve Giussani – onde Cristo acontece, está constantemente cheia de gestos, como o do banco alimentar.

«É uma boa coisa responder às necessidades das pessoas, mas não estamos aqui para isto». Esta frase da última Escola de comunidade ressoava-me frequentemente na cabeça quando comecei o gesto do banco alimentar, porque a recolha, evidentemente, nasce como resposta a uma necessidade, pelo que fui obrigada a perguntar-me porque estou aqui, se não é para responder à necessidade de todos estes desconhecidos que têm fome? E então o que é que me pode levar a fazer este esforço ao sábado de manhã, levantando-me de madrugada e estando no supermercado das 8 às 15 sabendo que na segunda-feira tinha um exame muito importante e não estava a estudar? E sobretudo o que é que permite fazer isto com alegria? Porque dei por mim com uma letícia que não era minha, apesar de terem acontecido tantas coisas, até inconvenientes, coisas que não correram bem, etc. Quando voltei para casa à tarde li os Exercícios: «Nós estamos no mundo para gritar a todos os homens: “Olhem que está entre nós uma presença estranha;[...] está um homem [entre nós] que é Deus. A felicidade da humanidade, a alegria da humanidade, o cumprimento dos desejos todos da humanidade, é Ele que os leva a cumprimento». Eis que esta é a razão pela qual vale a pena todo aquele esforço, porque eu vi que a minha vida está cheia, e está cheia porque Um a enche e a enche de tal forma que é natural restitui-la e eu restituo-a no modo que as circunstâncias ditam, por isso se há a coleta alimentar, eu restituo-a ali; e estive todas aquelas horas a trabalhar ali para afirmar Quem enche a minha vida e para o dizer antes de mais a mim, porque fazer aquele gesto mo recordava a mim e depois a todos os outros, e porque tem dentro esta perspetiva que a necessidade de todos aqueles desconhecidos se tornava próxima de mim e eu podia experimentar responder aquela necessidade na minha pequena tentativa. Porque é através daquela pequena tentativa que pode passar Aquele que responde, que responde através daquele gesto como através do estudo a que voltei no sábado à tarde.

Obrigado. Como ficar fixos no essencial? Ela, respondendo a este convite da Colletta, foi facilitada de novo a reconhecer o essencial, porque os gestos aos quais o Movimento nos chama são a modalidade que o Mistério pode usar para se debruçar sobre o nosso nada e nos tornar conscientes do que é o essencial. O verão está cheio destes gestos: das férias aos momentos juntos, ao Meeting (nas diferentes formas de colaboração), são tudo ocasiões para se ser salvo do nada, através das quais nós podemos reconhecer porque é que esta Presença é essencial para viver. Tudo está diante de nós como modalidade com a qual o Mistério continua a ter piedade do nosso nada. A nós toca responder: ou seguimos a nossa fantasia ou seguimos a modalidade com a qual o Mistério nos chama através dos gestos que são propostos. E cada um no fim do verão poderá verificar o que sucedeu.

Livros para o verão:

- *Vita di don Giussani* é o livro que nos demos para o todo o ano. Pelo alcance que tem, o verão é uma ocasião estupenda para o viver, para continuar a lê-lo.

- Propomos também a o texto «**Europa 2014. É possível um novo início?**», porque não se trata só de um texto sobre a Europa e sobre as eleições europeias, mas trata-se fundamentalmente de uma ajuda a perceber os termos do contexto histórico em que vivemos e como podemos hoje ser cristãos no meio deste contexto. Por isso, trabalhar sobre o texto parece-me crucial. Por isso repropomo-lo, para que possamos em conjunto ajudar-nos a lê-lo e a aprofundá-lo sempre mais. Se existem perguntas podem mandar-mas, porque assim continuaremos a trabalhar sobre este texto.

- *Coros de “A Rocha”* de T. S. Eliot.

- *É meia noite doutor Schweitzer*, de G. Cesbron.

- *La gloriosa follia. Un romanzo del tempo di S. Paolo*, di L. De Wohl.

- *Il movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986). Conversazioni con Robi Ronza*, a nova edição da BUR, Rizzoli. É uma nova edição, porque o livro estava esgotado há muito tempo.

Como continua o trabalho de Escola de Comunidade durante o verão:

Até às Férias da Comunidade, continuamos a trabalhar a 1ª Lição juntamente com a 1ª resposta da Assembleia dos Exercícios da Fraternidade e a intervenção do Pe. Carrón “**Europa 2014. É possível um novo início?**”.

Desde o fim das Férias da Comunidade até à Jornada de Início de Ano, final de Setembro, continuaremos o trabalho sobre os Exercícios da Fraternidade retomando a 2ª Lição e a Assembleia. Depois começaremos a trabalhar sobre o texto da Jornada de Início de Ano.

As **férias da comunidade** terão como tema, para dar uma sugestão em continuidade com o trabalho que estamos a fazer sobre os Exercícios: «O que procurais?». Na escolha do título tentámos procurar uma modalidade, uma pergunta, que nos impeça de partir das definições ou de dizer as nossas opiniões; não nos interessam mesmo, porque o que interessa é como dizíamos, descobriremo-nos em acção para ver o que procuramos, para ver onde está o essencial para nós. Por isso não é com uma definição que se pode responder a esta pergunta, mas com uma comparação, com uma observação, com uma surpresa do que é que verdadeiramente procuramos. À pergunta «O que procurais?», juntámos um trecho dos Exercícios onde se fala exactamente disto, da distinção entre intensão que Cristo seja o essencial e a surpresa que tantas vezes na experiência não é assim. «O critério para descobrir isto é dado pelo santo Evangelho: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.» Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o essencial da vida e a surpresa de tantas vezes na experiência não ser assim. Aqui sobressai a diferença entre a intenção e a experiência. Podemos descobrir então que, mesmo de boa fé, o essencial passou a ser outra coisa e deixou de ser Cristo; e abalançámo-nos sobre outra coisa porventura até em nome daquele essencial que, ainda assim, continua a ser citado nos nossos discursos». Então, o que procuramos? É uma tentativa de nos ajudarmos a fazer esta estrada, para que o conteúdo da autoconsciência com que vivemos seja sempre mais Cristo.

O título do Meeting deste ano é “**Rumo às periferias do mundo e da existência**”. Um título como sabem, muito ligado à insistência do Papa, a este seu enviar-nos às periferias do mundo para que todas as periferias possam ser agarradas pelo anúncio cristão e da misericórdia de Cristo. Porquê? Di-lo a segunda parte do título do Meeting: “**O destino não deixou o homem só**”. No Meeting nós queremos gritar isto a todos.

A Jornada de Início de Ano, terá lugar sábado 27 de Setembro em Milão e em ligação directa com muitas cidades da Lombardia e de Itália.

Veni Sancte Spiritus

Bom verão a todos.